



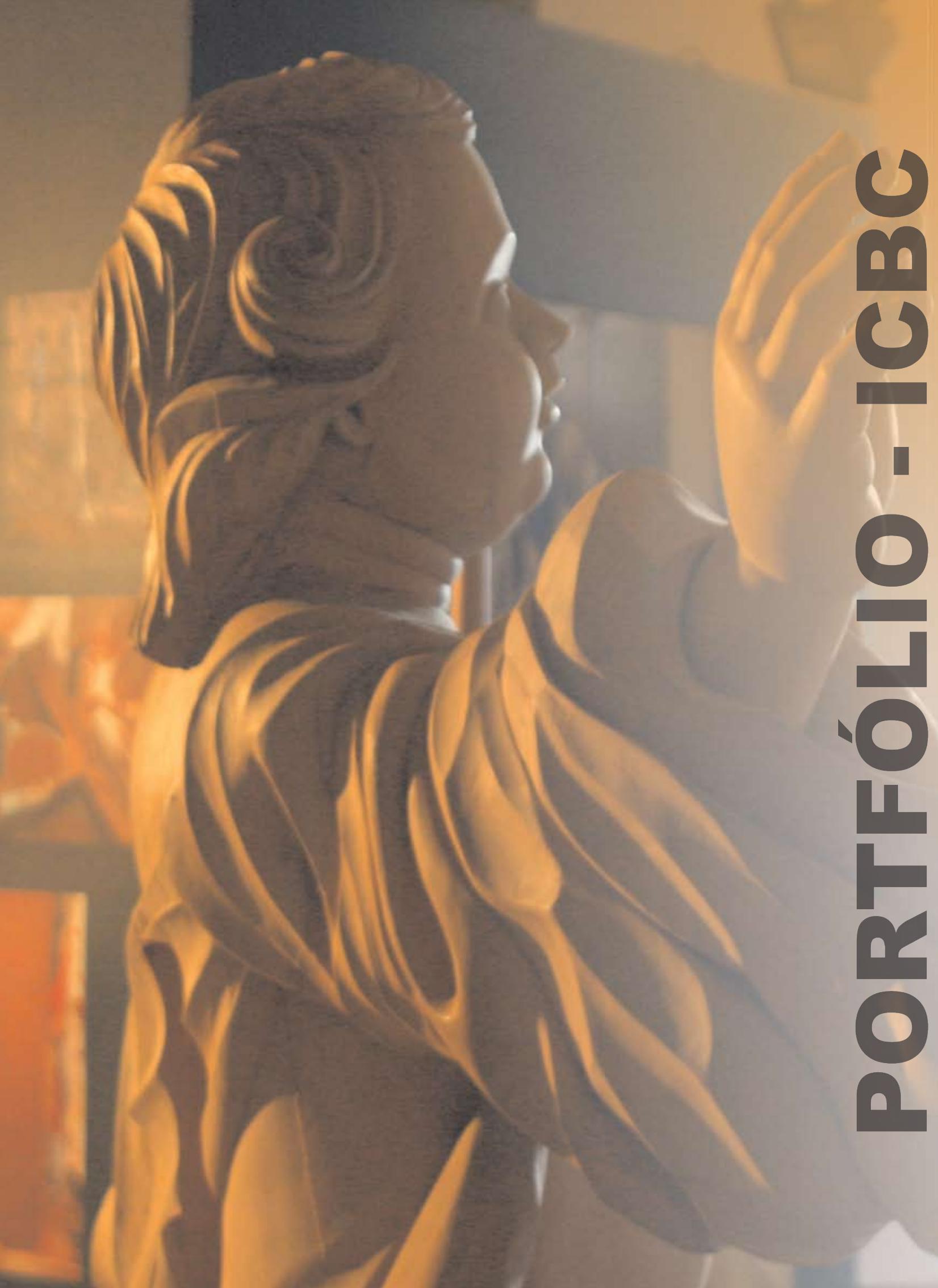
FÊNIX | Restauro da Igreja Matriz de Pirenópolis

PORTFÓLIO - ICBC

FÊNIX | Restauro da Igreja Matriz de Pirenópolis



PORTFOLIO - ICBC



PORTFÓLIO - ICBC

FÊNIX

Restauro da Igreja Matriz de Pirenópolis

Patrocínio:



Ministério da Cultura



Apoio:



PORTFÓLIO - ICBC

© Instituto Casa Brasil de Cultura, 2008



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP
Biblioteca Municipal Marietta Telles Machado

U45f Unes, Wolney; Cavalcante, Silvio.
Fênix : Restauro da Igreja Matriz de Pirenópolis / Wolney Unes,
Silvio Cavalcante. – Goiânia : ICBC, 2008.
240. p.: il.

ISBN: 978859876233-4

1. Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário – Pirenópolis, GO
– restauração.
2. Patrimônio histórico. I. Cavalcante, Silvio. II. Título.

CDU: 72(817.3)

Proibida a reprodução total ou parcial (sanções previstas na Lei 9.610 de 20 de junho de 1998).

Impresso no Brasil
Printed in Brazil
2008

Coordenação geral

Silvio Cavalcante

Coordenação editorial

Wolney Unes
Silvio Cavalcante

Produção executiva

Wolney Unes

Texto

Neusa Cavalcante

Projeto gráfico

Genilda Alexandria

Arte-final

Marcus Lisita Rotoli

Edição de imagens

Carolina Brandão Piva
Genilda Alexandria
Silvio Cavalcante

Quadros e legendas

Carolina Brandão Piva
Genilda Alexandria
Sílvio Cavalcante
Wolney Unes

Revisão

Ana Carolina Neves
Carolina Brandão Piva

Fotografias

Adriano Assunção
Arnaldo Lobato
Arquivo do IPHAN /14ª SR
Arquivo Noronha Santos (IPHAN)
Cristiano Mascaro
Kim Ir Sen
Liana Fraifeld
Marcelo Saraiva
Paulo Rezende
Roberto Castelo
Rui Faquini
Sandra Soares de Mello
Saulo Cruz
Silvio Cavalcante
Thiago Sabino
Walter Vilhena Valio
Wolney Unes

Pesquisa e organização

Bartira Bahia
Belissa Evangelista
Neusa Cavalcante
Paulo Sérgio Galeão
Simone Viana

Apoio e cooperação

Bartira Bahia
Luiz Philippe Peres Torelly
Manoel Garcia Filho
Paulo Sérgio Galeão
Pompeu Cristovam de Pina
Salma Saddi Wares de Paiva
Walter Vilhena Válio

Impressão

Poligráfica



PORTFOLIO - ICBC

Apresentação

O patrimônio arquitetônico brasileiro, testemunha de nossa formação cultural e parte indissolúvel de nossa identidade múltipla e ao mesmo tempo singular, vem sendo objeto, ao longo dos últimos anos, de grandes esforços de instituições oficiais e de empresas – como a PETROBRAS – para seu restauro e preservação. Claro que há muito trabalho pela frente, mas seria injusto desmerecer o muito que está sendo feito.

Nem sempre, porém, uma ação de restauro é conhecida em suas minúcias pelo público e, inclusive, por estudiosos e especialistas no tema.

Por isso, é mais do que oportuna esta publicação, em que se registram os passos, técnicas e soluções empregadas nos trabalhos de restauração da Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário, na cidade goiana de Pirenópolis – considerada a mais importante edificação do patrimônio brasileiro erguida com a ancestral técnica da taipa de pilão. O livro mostra como empregar, hoje, técnicas que ficaram no tempo, e não apenas a do barro cru transformado em taipa e adobe, mas também os encaixes de madeira, a cantaria de pedras, a fabricação de ferragens. Enfim, um compêndio de como devolver a forma original de monumentos que integram o nosso patrimônio.

Aliás, não se trata apenas de documentar em minúcias os bastidores de um importante trabalho de restauro: este livro, na verdade, pode (e deve) servir como uma espécie de guia para quem se interessar pela preservação da nossa memória e do nosso patrimônio. Técnicos e especialistas certamente poderão encontrar maneiras de multiplicar essa experiência em outras obras de idêntica importância. Em outras palavras: não se trata de documentar um trabalho, mas de compartilhar uma experiência, com a expectativa de que ela possa contribuir com outras.

A PETROBRAS patrocina esta edição. Ao longo de sua trajetória de pouco mais de meio século, até se transformar na maior empresa brasileira e uma das maiores de todo o mundo, a PETROBRAS soube compartilhar experiências, tirar o melhor proveito possível das lições dos pioneiros – ou seja, do passado – e abrir caminho para o futuro. Maior patrocinadora das artes e da cultura no Brasil, a PETROBRAS põe especial empenho na hora de patrocinar projetos que contribuam para a difusão do nosso patrimônio. Afinal, trata-se de uma herança que pertence a todos nós, brasileiros. E que deve ser democraticamente compartilhada entre todos.

Sumário

Parte I

10 Renascimento
de um patrimônio

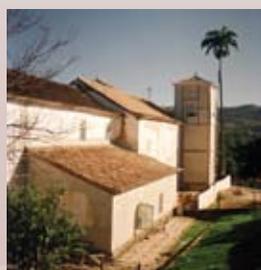
A cidade

12



O monumento

38



O restauro

76



Parte II



Patrimônio e restauro

- 180** Patrimônio histórico no Brasil
- 188** Teorias do restauro
- 196** Cartas patrimoniais



Ensaaios

- 206** Aprendendo sempre
Salma Saddi Wares de Paiva
- 210** Vingança dos pretos
Pompeu Christovam de Pina
- 214** Convivendo com as deformações
Valter Vilhena Valios

Ficha técnica do restauro **218**

Cronologia do sítio de Pirenópolis **220**

Glossário técnico **230**

Bibliografia **236**

Renascimento de um patrimônio

Assentada em posição de destaque no vale do Rio das Almas, a Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário domina por quase três séculos a paisagem bucólica da cidade goiana de Pirenópolis. Monumento nacional e principal ícone do patrimônio histórico local, seu valor transcende o de monumento arquitetônico e religioso. É a mais importante referência memorial e urbana da cidade, que se estruturou em seu entorno.

Nesta publicação, o leitor vai percorrer a história de Pirenópolis, desde os seus primórdios, das minas do arraial de Nossa Senhora do Rosário de Meia Ponte, até a atualidade, e mergulhar na vida da Igreja Matriz em seus quase três séculos de existência. Vai-se encantar com beleza natural da região da Serra dos Pireneus e com o rico patrimônio cultural e artístico de seu povo. E, principalmente, vai conhecer o esforço de toda uma comunidade para restaurar a Igreja Matriz, atingida por um incêndio de grandes proporções, em setembro de 2002, apenas três anos após uma meticulosa e integral restauração.

Como foi enfrentado o desafio de reerguer, literalmente das cinzas, a maior Catedral de Terra do Centro-Oeste brasileiro? Quais registros dessa experiência merecem ser deixados como herança para a salvaguarda do nosso patrimônio? Como foi a atuação de técnicos, artistas, mestres e artífices? Em que se basearam para o cumprimento dessa missão? A estas perguntas nosso livro vai responder, exibindo uma das mais exitosas restaurações de templos no Brasil, vencedora do Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade em 2007.

Diante da tragédia, foi preciso transformar o que seria um canteiro de obras convencional em um Canteiro Aberto: um canteiro com a participação e o envolvimento da população, um canteiro com visitação permanente, um canteiro transparente, didático, seguro e, principalmente, franqueado a todos os cidadãos.

Não somente necessária, mas imprescindível, foi a pesquisa das técnicas ancestrais aliada à tecnologia contemporânea, à disposição



da construção civil e do restauro. Um trabalho dessa natureza possibilitou a investigação e a pesquisa aplicada. Da necessidade de criar soluções veio a oportunidade de gerar novas técnicas e novos modos do fazer.

O farto material documental produzido e a permanente participação social, com informações, sugestões e críticas, foram determinantes para viabilizar esta publicação. O registro e difusão das técnicas e métodos adotados serão de grande valia para todos aqueles envolvidos com o restauro e a recuperação de bens móveis e imóveis e de artes aplicadas.

A importância do acervo fotográfico dos processos de trabalho ficou evidente quando se percebeu que só era possível encarar o desafio da última restauração com base nos registros do restauro de 1996-1999. Assim, a documentação de apoio tornou-se mais uma das determinações desta nova empreitada. Enquanto a obra de 1996-1999 produziu cerca de 3 mil fotografias, a restauração de 2003-2006, graças ao advento da tecnologia digital, produziu cerca de 40 mil imagens, transformando num imperativo a tarefa de editar e publicar esta rica experiência.

O resultado final – uma caixa multimídia composta por um livro e um DVD, com dois documentários das restaurações e o próprio livro em formato digital – foi produzido com preocupação essencialmente didática, com o objetivo de fornecer material para estudantes, pesquisadores, professores e demais interessados nas artes e nas técnicas do restauro.

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional agradece a todos que colaboraram na restauração da Igreja Matriz de Pirenópolis e na elaboração da presente publicação. São contribuições que não só qualificam e dignificam a preservação do patrimônio cultural brasileiro, como principalmente exibem o que é vital e o mais importante: a consciência e determinação do povo de Pirenópolis.

Luiz Fernando de Almeida

Presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional





A cidade



CEBO

PORTFÓLIO

Pirenópolis

Da praça onde fica situada essa igreja descontinua-se um panorama que talvez seja o mais bonito que já me foi dado apreciar em minhas viagens pelo interior do Brasil.

Saint-Hilaire, 1819



Pirenópolis

O município possui oito Unidades de Conservação e cinco Reservas Particulares do Patrimônio Natural. Entre as primeiras, estão o Parque Estadual da Serra dos Pireneus, o Monumento Natural Cidade de Pedra e a Área de Preservação Ambiental dos Pireneus; e entre as reservas destacam-se a Fazenda Arruda, a Reserva Ecológica Vargem Grande e os Santuários Vagafogo, Flor das Águas e Gabriel.

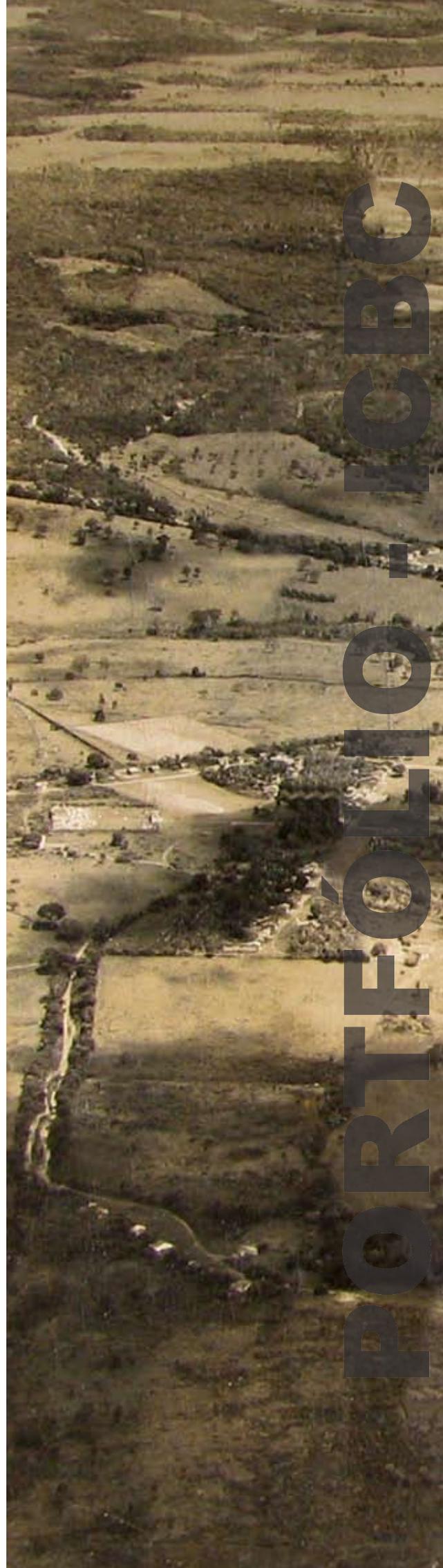
Vista aérea de Pirenópolis na década de 1940.

A Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário, consagrada à padroeira da cidade, é parte de um conjunto colonial reconhecido por seu valor histórico-cultural. Falar sobre o monumento é, antes de tudo, desvendar algumas das características do sítio urbano que lhe deu origem e significado.

Pirenópolis chegou ao século XXI conhecida como um importante centro turístico nos rincões de Goiás. Com apenas 2.300 km² e cerca de 20 mil habitantes, a pequena cidade tem no seu rico patrimônio histórico, cultural e natural a sua grandeza. E é o equilíbrio entre essas dimensões a causa maior do clima de paz e contemplação que torna o lugar propício para o repouso e o lazer.

Apelidada de Capital da Prata, Atenas de Goiás, Pirenópolis guarda, como herança de suas origens, os segredos do prazer das coisas simples e despojadas da vida, a despeito das iniciativas que, voltadas ao desenvolvimento do turismo, vêm, aos poucos, transformando a cidade.

Pousadas, restaurantes, ateliês, lojas e serviços em geral, dando apoio aos predicados históricos e naturais, têm con-





PORTFÓLIO - ICBC



PORTFÓLIO - ICB



PORTFOLIO - ICBC



Nas páginas anteriores, vista aérea de Pirenópolis na década de 1980. Acima, respectivamente, procissão de fiéis no ano de 1890, Igreja Matriz no início do século XX e Largo da Matriz na década de 1950.

tribuído para melhor receber e acomodar um grande número de turistas. A gastronomia também constitui um importante atrativo da cidade. Da fusão dos hábitos alimentares do índio, do negro e do branco, derivou a variada cozinha pirenopolina que, além de doces, queijos, quitandas, licores e cachaças, destaca-se pelos pratos com sabores exóticos feitos com espécies típicas do Cerrado goiano, como o pequi e a guariroba.

A pecuária de corte e de leite e o plantio – principalmente de tomate, milho, mandioca, soja, maracujá, mexerica e banana – dão sustentação econômica para a cidade.

Tendo como referências geográficas os rios e as montanhas, o patrimônio natural é representado por significativas áreas de proteção ambiental, em meio a um quinhão de Cerrado ainda bastante preservado. A topografia acidentada e a abundância de cursos d'água dão ensejo a um sem-número de cachoeiras que, delimitadas por uma flora diversificada, servem aos banhos, ao descanso e também às várias práticas esportivas. Para os amantes do turismo contemplativo, há os santuários ecológicos, abertos às caminhadas e à observação dos animais silvestres.

À beleza natural somam-se as características culturais e o valor histórico expresso no urbanismo e na arquitetura, testemunhos do ser e do fazer no coração do País durante os últimos três séculos.

Investimentos públicos têm sido destinados à restauração do patrimônio arquitetônico e urbanístico, com o objetivo de sublinhar o caráter histórico e bucólico da cidade. Como parte do projeto de recuperação do centro histórico, entre 1996 e 1999, foram restaurados o Cine Pireneus e o Theatro de Pirenópolis, tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 1988. Integrando o cinema e o teatro, foi criada a Praça dos Quintais, local de apoio e lazer destinado ao público espectador.

A ponte sobre o Rio das Almas foi totalmente recomposta no ano 2000, e foi a ela

acrescentado um caminho exclusivo de pedestres. Em seguida foi elaborado o projeto de revitalização do Largo da Matriz, que prevê a construção de um novo edifício para abrigar a Casa Paroquial. E, em 2007, foi entregue, totalmente restaurada, a Casa de Câmara e Cadeia, tendo sido adaptado o pátio interno para abrigar exposições de caráter temporário.

Esse amplo processo de restauro veio ao encontro do tombamento do conjunto arquitetônico, urbanístico e paisagístico do centro histórico da cidade. O tombamento, promovido pelo IPHAN em 1990, teve como objetivo a preservação da malha urbana e da singela arquitetura colonial, face às conseqüências da acidentada topografia e da dinamização e diversificação da economia.

Com a melhoria dos acessos, a partir de meados do século XX, gentes de várias localidades passaram a se dirigir à cidade em busca das oportunidades de lazer.

A partir dos anos 70, algumas comunidades alternativas decidiram fixar-se em Pirenópolis. A Terra Nostra, chegada em 1979, organizou uma cooperativa agrícola e também um ateliê. O ateliê passou a desenvolver artesanato em prata que, conhecido no Brasil e no exterior, tem contribuído para formação de jovens na arte desse metal. Em 1985, a comunidade conhecida como Frater estabeleceu-se na Serra dos Pireneus. No vale, localizou-se a Omni e, mais acima da serra, a Nirvana.

Apesar de absorver as novidades da cidade grande, Pirenópolis seguiu preservando suas tradições, que fundem as celebrações religiosas com elementos profanos do folclore local. Fazem parte do calendário as festas de *Corpus Christi*; das Cavalhadinhas, encenação feita pelas crianças; do Divino Pai Eterno, realizada nos fins de semana de junho; da Capela do Rio do Peixe, que ocorre em julho. A Festa do Morro, em que uma procissão leva a imagem da Trindade ao pico mais alto dos Pireneus, é realizada nas noites de lua cheia dos meses de julho.

Como preparativo dos festejos da Semana Santa, no Domingo de Ramos, uma procissão de homens conduz, a partir da Igreja do Carmo, a imagem de Nosso Senhor, enquanto uma procissão de mulheres sai da Igreja Matriz com a imagem de Nossa Senhora. O encontro de ambas se dá em uma capelinha na Rua Direita.

Entre todas, a Festa do Divino Espírito Santo consagra-se como a mais tradicional de Pirenópolis. Depois dos pousos nas fazendas, animados por cantorias, bebidas e comidas, as encenações transformam a cidade em um verdadeiro teatro a céu aberto, que dá espaço a folguedos populares tradicionais como catira, congada, reinado, jui-zado, folias, pastorinhas e as queimas de fogos.

Antecipando os festejos, as ruas da cidade são invadidas por cavaleiros mascarados que, montados em galopantes cavalos, fazem

A antiga Casa de Câmara e Cadeia foi construída em 1773. Após sua ruína, foi construída uma réplica em 1916 em um terreno à margem esquerda do Rio das Almas, próximo à ponte do Carmo. O terreno era parte do antigo Largo do Hospício.



Segundo Cunha Matos, em *Corografia histórica da província de Goiás*, o nome Meia Ponte adveio de uma pedra em forma de meio arco projetada sobre o rio, acima da qual teriam sido lançados os paus para a passagem dos primeiros povoadores.

Já para José de Souza Azevedo Pizarro e Araújo, o nome teria se originado de uma ponte com duas toras de madeira que, vitimada pela correnteza, perdeu uma de suas peças.

E Luís d'Alincourt, em seu livro de 1811, *Memória sobre a viagem do porto de Santos à cidade de Cuiabá*, diz que Bueno teria lançado uma ponte sobre uma grande pedra chata que avançava até o meio da correnteza.

Vista da Igreja Matriz a partir da ponte sobre o Rio das Almas. Bairro do Carmo e Morro do Frater. Cavalhadas 2005.



muita algazarra. As máscaras de papel machê, em forma de cabeças de animais e de demônio, feitas especialmente para a festa, chamam a atenção dos visitantes, assim como as curiosas flores de papel que adornam cavalos e cavaleiros.

No Domingo de Pentecostes, o Imperador – festeiro escolhido entre os mais importantes cidadãos da região – é acompanhado, de sua casa até a Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário, por um séquito de meninas de branco – a procissão das virgens. Depois de uma missa solene, ele e sua corte voltam para casa, onde há distribuição de bolinhos, pãezinhos e verônicas de alfenim para o povo. Banda de música e fogos de artifício dão brilho ao evento, que é sucedido pelas Cavalhadas: uma encenação da disputa entre mouros e cristãos, em alusão a Carlos Magno e aos Doze Pares de França, que termina com a rendição, a conversão e o batismo dos mouros.

De tradição medieval, a encenação foi introduzida na antiga vila pelo padre Manuel Amâncio da Luz, em 1826, com o objetivo de catequizar o gentio e os escravos.

Mas, apesar desse clima bucólico e passadista, Pirenópolis não ficou imune aos efeitos do progresso. Entre 1933 e 1960, a construção de Goiânia, e depois de Brasília, provocou o crescimento da cidade, sobretudo pela intensificação do comércio do quartzito.

A pedra, usada na construção de edifícios e na pavimentação urbana, já havia atraído, no século XIX, a atenção de Pohl, que em seu livro *Viagem no interior do Brasil* relata: “A maior curiosidade mineralógica da região de Meia Ponte é um quartzito elástico (...) A referida rocha, que consiste em quartzo granuloso e talco em forma xistosa, aqui origina uma encosta saliente, de grande massa”.

A modernidade trouxe consigo o cinema. E em 1936 o Theatro Pireneus, construído seis anos antes pelo padre Santiago Uchoa, era adaptado para a exibição de filmes. Passando a se chamar Cine Pireneus, o edifício neoclássico, projetado por Luís Fleury de Campos Curado, teve sua fachada original alterada por Antônio Puglisi para *art déco*, estilo identificado com a história do cinema mundial.

Na verdade, os prenúncios do desenvolvimento chegaram à cidade ainda no século XIX, mais precisamente em 1892. Os cientistas da Comissão Cruls, encarregada dos estudos para a transferência da capital do Brasil para o Planalto Central, visitaram Pirenópolis, onde, entre outros levantamentos, aferiram a altitude do pico dos Pireneus: 1.385 metros.

Antes de 1890, Pyrenópolis de Goiás – nome dado em analogia aos Pireneus da Europa – era Meia Ponte, uma denominação modesta que condizia com a pequena vila que foi elevada à categoria de cidade em 1853.

Entretanto, as mudanças de nome e categoria não implicaram alterações significativas na malha urbana, nem na economia, que,



PORTFOLIO - ICB



Folia da Divina 200
TURMA do REFUGO
nº 13

PRESIDENTE DA
TRABALHO SOCIAL.

ROGÉRIO FIGUEIREDO, AUTORIDADE
ABENÇOADA POR DEUS a serviço dos Pirenopolinos.

MARCONI &

POKOLIO - ICB



PORTFÓLIO - ICBC



Patrocínio:



Ministério da Cultura



Apoio:

